

Introdução

*“As pessoas
felizes
lembram o
passado
com gratidão,
alegram-se com o
presente e
encaram
o futuro sem
medo.”*

Epicuro

Um processo de autodesenvolvimento passa por algumas fases arquetípicas que exigem um grande esforço. Transformar valores, para ficar num exemplo, não é fácil: exige uma reflexão profunda e requer conviver com uma situação de desconforto muitas vezes por um longo tempo.

Em *workshops* de orientação de carreira costumamos construir esse processo a partir daquilo que a pessoa participante carrega dentro de si. Primeiro trabalhamos com elementos de sua biografia: remexemos no baú, resgatamos eventos que estavam esquecidos e damos uma olhada naquilo que Rudolf Steiner chama de “obra de arte”. Ele dizia que toda biografia humana é uma obra de arte, cujo artista é o Eu Superior de cada um e cada uma de nós. Esse Eu Superior é o compositor dessa obra inacabada.

Fazemos a relação com o nosso passado através do pensar. Quando olhamos para o passado, com nosso pensar frio e objetivo, podemos nos perguntar a respeito do que nos deparamos: que qualidades esses eventos têm? O que podemos aprender com eles?

Muitas vezes temos uma percepção errônea de um determinado fato, como sermos preteridos numa promoção, numa briga, em encontros ou desencontros. Quando conseguimos objetivar e analisar esses fatos sem a emoção, a dor ou o prazer que nos fizeram sentir, eles se revelam na sua verdade e podemos, então, aceitá-los como algo que faz parte daquilo que somos hoje.

Quando analisamos de forma objetiva nossa própria biografia, podemos descobrir padrões ou repetições de comportamentos e atitudes, assim como as perguntas existenciais por detrás deles, como se o destino nos levasse ao confronto conosco e, simultaneamente, nos defrontasse com novas oportunidades de desenvolvimento. São nesses momentos de contato com o nosso Eu Superior que se revelam nossos verdadeiros potenciais, vocações e talentos.

O que meu passado revela sobre meus potenciais? Que experiências vivenciei? Que competências adquiri ao longo de minha vida? Que habilidades eu desenvolvi? Aristóteles dizia que “onde seus talentos e as necessidades do mundo se encontram, lá está a sua direção, a sua vocação”.

Tais *insights* nem sempre se revelam com facilidade. Apenas o tempo nos dá condições para extrair os aprendizados de um determinado fato. Rudolf Steiner dizia que a verdadeira compreensão de um evento da nossa biografia só pode ser feita na sua totalidade sete anos após sua conclusão. Identificar nossos talentos também não é uma tarefa fácil. Muitas vezes a vida nos leva em direções que sufocam e adormecem dons e potenciais que em outras circunstâncias teriam florescido.

Presente, passado e futuro

Conhecer nosso passado, nossas realizações e o que nos faz brilhar os olhos nos ajuda a identificar talentos e dons adormecidos. Conhecer nosso passado pode nos ajudar, também, a compreender nossas dificuldades, nossos limites, e encontrar caminhos para superá-los.

No começo da década de 1990, estávamos apoiando um trabalho de implementação de processos “*just in time*”¹ em uma grande empresa familiar de autopeças, cujo presidente era um senhor de 70 anos muito ativo.

O projeto ia muito bem, com excelentes resultados, estoques reduzidos à zero, linhas de produção sincronizadas e economia de milhões. No entanto, quando apareciam no mercado chapas de aço a um preço imperdível, nosso presidente não deixava passar a oportunidade e enchia os almoxarifados. Os consultores técnicos iam até lá, conversavam com ele e demonstravam com seus gráficos que, com aquela atitude, ele estava perdendo muito dinheiro e comprometendo todo o projeto. Nosso presidente então respondia: “Ok! Ok! Desculpem. Não faço mais. Foi um lapso”.

Quatro meses depois, apareciam outros itens a um preço nunca visto e nosso herói, é claro, novamente enchia os depósitos da empresa. Lá iam os consultores e repetiam tudo de novo.

Em paralelo ao processo de consultoria, começamos a fazer algumas sessões de *coaching* com o presidente. Numa das sessões, ao contar sua biografia, lhe “caiu a ficha” sobre o que estava acontecendo: final da Segunda Guerra Mundial, Budapeste ocupada por nazistas. Família riquíssima vendia seus castelos e os transformava em diamantes, para depois trocar no mercado ilegal por algumas cebolas, ou mesmo uma barra de chocolate. Na cidade ocupada, o único que conseguia se deslocar com segurança era um menino de 6 anos que fazia as compras para manter a família viva. Perderam tudo na guerra e vieram para o Brasil. Sessenta anos depois, esse menino, agora empresário, não consegue resistir a uma boa oferta. Quando ele se conscientizou desse fato ficou muito mais fácil administrar tais impulsos e com muito menos culpa.

Todas as pessoas têm impulsos, bloqueios e limites, que incorporamos no nosso passado. Não há dúvida que se aprende na vida, só que, muitas vezes, se aprendem coisas que eram certas no passado e hoje, tornaram-se erradas. Essas crenças limitadoras precisam ser entendidas, resignificadas e revistas. A chave está no nosso passado.

Outro bom motivo para se olhar para a própria biografia de forma objetiva é que as sementes do nosso futuro estão plantadas, de alguma maneira, no nosso passado e no nosso presente.

¹ Sistema de gestão de produção que pressupõe trabalhar com estoque zero.

Presente, passado e futuro

Aos 7 anos, Jorge Luiz Borges escreveu um pequeno conto. Uma obra tosca, mas que, se olharmos com olhos cuidadosos, podemos notar naquela pequena e infantil história todo o universo borgiano que viria a ser criado décadas depois.

Nise da Silveira, a psiquiatra que criou o Museu do Inconsciente e lutou uma vida inteira por um tratamento mais humano nos hospitais psiquiátricos, nos conta em sua biografia as eternas discussões e brigas com seus pais quando adolescente, pela maneira como os animais eram tratados na fazenda da família. Anos depois vemos o mesmo padrão se repetindo, quando, como médica, assiste a uma sessão de eletrochoque num manicômio e inicia a luta de uma vida inteira por um tratamento mais digno e efetivo para as pessoas com transtorno mental.

Se observarmos com cuidado uma planta, veremos que a semente, as folhas, as flores e os frutos são marcas sutis daquilo que ela foi e daquilo que será. Quando cortamos uma maçã ao meio e olhamos uma de suas faces, vemos sementes dentro de uma concavidade e o desenho tênue da flor que ela foi um dia. Se olharmos a flor, veremos o que será fruto e, finalmente, virá a ser semente.

O desafio de um processo de autodesenvolvimento é encontrar tudo aquilo que a pessoa foi, o que ela é e aquilo que pode vir a ser. Como disse Sartre: “não importa muito o que fizeram com a gente, mas sim o que fizemos com o que fizeram de nós”.

Após concluirmos esse processo de reflexão começa a brotar no fundo da nossa alma um incômodo. Passamos a nos perguntar: como transformar essas situações que se repetem? Como melhorar, sem me violentar? A reflexão sobre o que queremos ser e o que queremos construir é muito importante em todos os aspectos de nossa vida e nos impulsiona para o futuro.

Pesquisas demonstram que adolescentes e jovens que sabem ou que têm uma imagem positiva de seu futuro alcançam, comprovadamente, desempenho escolar e na vida muito superior a quem não têm, vencendo muitas vezes limitadores, como baixo QI, famílias desestruturadas ou baixa condição financeira. Um dos primeiros pesquisadores a comprovar a importância de possuir uma imagem positiva do próprio futuro foi o psiquiatra austríaco Viktor Frankl em seu livro *Em busca de sentido* (Petrópolis: Vozes, 2009).

Frankl era judeu e, durante a Segunda Guerra Mundial, foi confinado ao campo de concentração de Auschwitz. Conta que, ao chegar lá, colocou para si três metas: sobreviver, tentar ajudar as pessoas com seus conhecimentos médicos e aprender algo importante.

Presente, passado e futuro

Frankl relata como conseguiu impedir suicídios de companheiros, simplesmente lembrando-lhes de algo importante que tinham a fazer no seu futuro para uma pessoa amada que estava em um país seguro. Para outro companheiro, o motivo foi manter-se vivo para poder publicar um livro que ainda estava apenas em sua cabeça. Ele conta como, esmagado pelo sofrimento, imaginava seu futuro, podendo contar o que havia aprendido, publicando seus livros e ajudando as pessoas com sua experiência.

No mundo das organizações temos diversos exemplos de visões de futuro que as transformaram radicalmente. No entanto, também nos damos conta de muitos exemplos de *banners* pendurados nas paredes das empresas contendo lindas visões de futuro e, em muitos casos, se constituindo em exemplos vazios, superficiais e até mesmo motivo de chacota de colaboradores (as) mais conscientes.

Escolher o nosso futuro não é fácil! Não podemos modificar nosso passado. Podemos, sim, aprender com ele. No entanto, selecionar nosso futuro através de uma visão positiva e inspiradora é fundamental para nossa felicidade e qualidade de vida. Contudo, sempre que fazemos uma escolha temos de abrir mão de alguma coisa e isso, por vezes, é muito angustiante. Ao escolhermos um cenário de futuro estaremos, inevitavelmente, abrindo mão de outras possibilidades. Por exemplo, ao escolhermos viver no campo, estamos abrindo mão da vida na cidade grande; ao escolhermos nos casar, abrimos mão da vida solteira. Essa consciência é essencial para darmos passos seguros e conscientes, muito embora sempre seja possível reverter a direção, caso cheguemos à conclusão que a escolhida não nos trará felicidade.

Quando trabalhamos com pessoas empresárias que na “melhor idade” decidem se afastar do dia a dia e profissionalizar suas empresas, percebemos esse confronto com o futuro. Aparecem questões existenciais da seguinte natureza: como vou ocupar meu dia? Como dar um novo significado para minha vida? Muitas pessoas chegam a este momento sem ter uma visão positiva sobre o seu futuro e encontram grande dificuldade para responder às suas próprias indagações. Boa parte se volta para o passado e tenta repetir fórmulas de sucesso que agora não fazem mais sentido, tampouco geram felicidade. Outras conseguem vislumbrar novos desafios, por meio dos quais poderão desempenhar novos papéis na empresa, na família e na sociedade, colocando a serviço de causas significativas toda a sabedoria acumulada ao longo de uma vida de grandes aprendizados.

O poder de uma visão de futuro que nasce efetivamente da nossa vontade é uma enorme fonte de inspiração e felicidade. A pergunta é como construir nossa visão.

Presente, passado e futuro

Algumas perguntas que podem nos ajudar a construir esse futuro:

- >> O que me incomoda hoje e que eu gostaria de mudar?
- >> O que me inspira?
- >> O que significa sucesso para mim?
- >> O que o mundo (empresa, família, sociedade etc.) pede e vai pedir para mim?
- >> Qual é meu propósito de vida?
- >> O que imagino para o futuro daquilo que me cerca? Que contribuição quero deixar para o mundo?
- >> Que escolhas não fazem mais sentido para minha vida?
- >> Quais são minhas capacidades e meus limites?
- >> Qual é minha visão de futuro?

Talvez uma vida inteira não seja suficiente para responder essas perguntas, mas o processo de buscar as respostas por si só gera excelentes resultados, até por ser um processo e não um fim em si mesmo.

Uma antiga história conta que três arbustos nascidos no alto de uma colina estavam discutindo o que queriam ser quando crescessem. O primeiro disse: “Quero que de mim façam uma arca em que ouro, diamantes e joias possam ser guardados”. O segundo disse: “Quero que de mim façam um grande navio, capaz de singrar os mares e um dia transportar um rei”. O terceiro disse: “Eu quero continuar aqui, no alto da colina, para que as pessoas, ao passarem lá embaixo, olhem para mim e lembrem-se de Deus”.

Como não temos total controle sobre nosso futuro, os três arbustos foram cortados. Do primeiro foi feito um cocho em que porcos e animais comuns alimentavam-se de imundices. Do segundo de fato foi feito um barco, mas um pequeno bote que foi colocado em um lago, com o qual pescadores miseráveis ganhavam seu sustento. O terceiro foi cortado em vigas e jogado no fundo de uma marcenaria em que eram trabalhadas as mais vis aplicações.

Eles viveram suas vidas e, ao tornarem-se pó, chegaram ao Céu tristonhos e abatidos. O anjo guardião os recebeu e perguntou: “O que houve? Por que estão assim?”. Eles lhe contaram sobre os sonhos que tinham e que nada havia se realizado. O anjo retrucou dizendo: “Como? Tudo o que vocês pediram lhes foi dado e muito mais!”. Eles se entreolharam confusos e o anjo então lhes tirou o véu dos olhos.

Presente, passado e futuro

O primeiro recordou-se do dia em que foi limpo da lavagem e dos restos de comida, coberto com trapos e acolheu uma criança que nele foi colocada por uma virgem. Ele, que em seu sonho queria guardar os tesouros do mundo, havia guardado o maior de todos os tesouros. O segundo lembrou-se do dia em que aquele mesmo menino, homem feito, pediu que os pescadores o transportassem pelo lago. Surgiu uma tempestade, o homem levantou as mãos e ela parou. Ele, que queria transportar um rei, havia levado o Rei dos Reis. O terceiro resgatou na memória o dia em que suas vigas foram cruzadas e carregadas pelas ruas de Jerusalém. Lembrou-se, também, que o homem que as carregou morreu em seus braços. Ele queria que as pessoas olhassem para ele e se lembrassem de Deus e assim o seria, para todo o sempre e por toda a humanidade.

Enquanto o anjo não nos ajuda a compreender, devemos procurar responder às perguntas do que queremos ser no futuro e relembrar nosso dever para com o nosso caminho de desenvolvimento. Uma visão pode mudar o mundo e nossas próprias vidas, transformando o presente num lugar muito mais inspirador e cheio de significado. Aos poucos, nosso sonho vai tomando forma e começamos, no presente, a sentir a necessidade de concretizá-lo.

O tempo é o presente e o presente exige ação. No presente nossos valores são o ponto de partida para realizar nossa missão e nossa visão. São os valores que balizam nossa ação e nos impedem de fazer algo imoral ou de realizar nossa missão a qualquer custo. Os valores definem aquilo em que realmente acreditamos, não apenas intelectualmente, mas existencialmente. Definem aquilo que, para nós, é sagrado.

Os valores são parte integrante de nossa essência. Quando os negamos ou os desrespeitamos, perdemos nossa integridade e, gradativamente, a nossa identidade. Na primeira metade da vida, nossos valores são resultado principalmente da educação que recebemos durante os três primeiros setênios.

Conforme evoluímos e experimentamos nosso autodesenvolvimento, começamos aos poucos a transformar os valores adquiridos na infância e na juventude em valores autenticamente próprios, eliminando alguns, consolidando outros e adquirindo novos.

No passado, a humanidade tinha de receber mandamentos e normas de comportamento através de sacerdotes e sacerdotisas, que captavam nos altares dos templos de mistérios. Transgressões eram consideradas pecado e tinham de ser punidas. Conforme a humanidade foi evoluindo, os altares de mistérios do passado foram colocados no interior de cada ser humano, que passou a carregar seus valores dentro de si.

Presente, passado e futuro

Adolf Hitler, no início da década de 1920, passou um período na prisão após seu fracassado golpe na Baviera. Foi quando ele escreveu o livro *Minha luta*, no qual fez um balanço de sua vida e professou a visão que tinha para o futuro da Alemanha e do mundo. Mas, como essa visão foi construída a partir de valores doentios e distorcidos, acabou tornando-se imoral e destruidora.

São nossos valores que nos permitirão realizar nossa missão e visão com honestidade e humanidade. A visão é estimulada pelo nosso pensar imaginativo, enquanto nosso querer, orientado pela intuição, impulsiona nossa missão e nosso sentir, por sua vez inspirado pelo que nos eleva integra os impulsos do destino com o nosso livre arbítrio.

Através do sentir alcançamos nossa auto realização no tempo presente e não em um futuro distante. O prazer da montanha-russa está no meio e não no fim. Muitas pessoas imaginam que serão felizes apenas quando realizarem suas visões de futuro, o que é um erro. Na verdade, quando estamos chegando muito perto da visão, esta vai perdendo sua força e está na hora então de renová-la. Poderíamos dizer que uma visão inspiradora é como uma estrela brilhante que estará sempre à nossa frente, apontando a direção, mas não o fim.

Uma história real ilustra bem o poder da visão. Houve no passado recente um jovem latino-americano, recém-saído da universidade, cujo primeiro emprego foi escrever obituários em um jornal, no qual ele fazia uma breve descrição das realizações da pessoa falecida, tal como: “Morreu fulano de tal, presidente do Lions, professor, deixa família, filhos etc.”. Você pode imaginar, para um jovem cheio de sonhos, o que é fazer apenas isto?

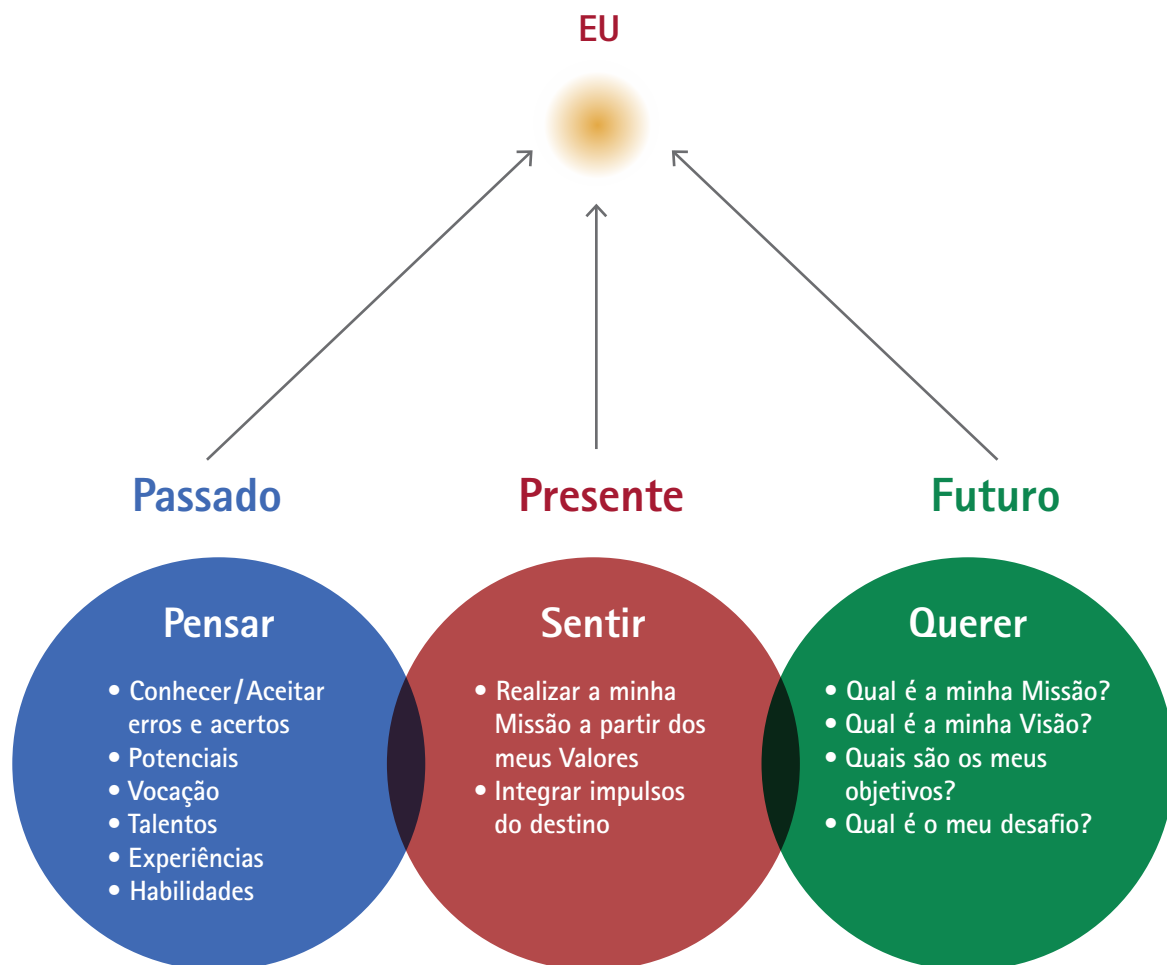
Ele conta, em sua autobiografia, que certo dia chegou ao jornal, colocou uma folha em branco na máquina de escrever e resolveu redigir um obituário especial:

“Morreu (o próprio nome dele), grande escritor, com livros publicados em inúmeros países, membro da Academia Nacional de Letras, ativista político etc.”.

Em resumo, escreveu seu próprio obituário, tirou a folha de papel da máquina, leu com calma e resolveu colocar um pouco de ação naquela visão. A vida dele não foi a mesma a partir daquilo. O nome do rapaz é Gabriel García Márquez.

Quem sabe nós tenhamos a mesma sorte!

Presente, passado e futuro



PRESENTE PASSADO FUTURO

